

ABC de Antônio Balduino, um *Bildungsroman* do herói negro na narrativa brasileira

ABC by Antônio Balduino, a Bildungsroman of the black hero in the Brazilian narrative

Weslei Roberto Candido*
Universidade Federal de Maringá
Maringá, Paraná, Brasil

Luciene Souza Santos**
Universidade Estadual de Feira de Santana
Feira de Santana, Bahia, Brasil

Resumo: Este artigo objetiva dar corpo à ideia de que o romance *Jubiabá*, de Jorge Amado pertence à filiação do *Bildungsroman*, sendo uma variação de sua matriz burguesa europeia, isso porque a história se acimatou às necessidades do romance da década 30, dando voz aos proletários, erigindo um herói negro que representa todos os trabalhadores da classe baixa, promovendo a emancipação deste como sujeito na narrativa brasileira. Nela, vê-se um herói que passa por uma jornada em papéis diversos, onde vai de malandro a trabalhador, da infância no morro do Capa Negro à fase adulta com as greves e lutas coletivas vividas no cais do porto. Em sua itinerância, espaço-tempo de inúmeras aprendizagens, o protagonista se encantou pelo cordel e sonhou com a possibilidade de um dia ser cantado como herói em um ABC. Nas reflexões aqui postas foi possível perceber ainda que no romance, Jorge Amado segue apresentando a Bahia, especificamente o entrelaçamento entre a sua cultura popular e a sua religiosidade, traz à luz a presença dos contadores de histórias, dos cordelistas, dos compositores de ABC, dos sambistas, das giras de Candomblé, do Pai de Santo Jubiabá, da mitologia dos Orixás, apresentando um grande painel de parte importante da cultura oral baiana. Para compor a imagem do seu herói, Jorge Amado se inspirou nessa confluência entre a tradição oral e a tradição romanesca do *Bildungsroman* e a apresentou no romance *Jubiabá*.

Palavras-chave: Jubiabá. Bildungsroman. Herói de ABC.

Abstract: This article aims to embody the idea that Jorge Amado's novel *Jubiabá* belongs to *Bildungsroman*'s affiliation, being a variation of its European bourgeois matrix, because the story acclimated itself to the needs of the 30's novel, giving voice to the proletarians, arising a black hero who represents all lower class workers, promoting his emancipation as a subject in the Brazilian narrative. In it, we see a hero who goes on a journey in different roles, where he goes from trickster to worker, from childhood on the Morro do Capa Negro to the adult phase with the strikes and collective struggles lived on the pier port. In his itinerancy, space-time of uncounting learnings, the protagonist was enchanted by the cordel and dreamed about the possibility of being sung as a hero in an ABC one day. In the reflections we made here it was possible to perceive that in the novel, Jorge Amado presents Bahia, specifically the intertwining between his popular culture and his religiosity, and brings to light the presence of storytellers, cordelistas, ABC composers, samba dancers, Candomblé giras, Pai de Santo Jubiabá, mythology of the Orixás, presenting a large panel of an important part of Bahian oral culture. To compose the image of his hero, Jorge Amado was

* Universidade Estadual de Maringá- UEM – Maringá-Paraná-Brasil; weslei79@gmail.com

** Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – Feira de Santana – Bahia – Brasil; lssantos@uefs.br

inspired by this confluence between the oral and the romanesque tradition of Bildungsroman and presented it in the novel *Jubiabá*.

Keywords: *Jubiabá*. Bildungsroman. ABC hero.

INTRODUÇÃO

A hipótese sobre a qual se sustenta o presente ensaio é de que o romance *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado é uma espécie de *Bildungsroman* brasileiro. O herói da narrativa é o negro Antonio Balduino, que passará por uma série de transformações desde sua infância no morro do Capa Negro até sua ascensão a líder grevista no cais, bairros de Salvador e portos de toda a Bahia.

Desde sua infância, Balduino, ou o negro Baldo, como será chamado ao longo de todo o romance tem um objetivo: ser herói de ABC. Ao ouvir histórias de pai *Jubiabá*, a quem teme em um primeiro momento, e Zé Camarão com as narrativas de brigas e agitações, nutre em seu interior o desejo de ser cantado pelos compositores de cordel e, assim, ter seu nome eternizado em um folhetim.

Para continuarmos nosso percurso, é necessário antes de mais nada, confrontarmos com dois conceitos essenciais para compreendermos o percurso de Antônio Balduino. O primeiro deles é o conceito de *Bildungsroman* e o segundo o de ABC ou cordel.

Segundo Jürgen Jacobs *apud* Mass, a definição de *Bildungsroman* inclui necessariamente:

- o protagonista deve ter uma consciência *mais ou menos* explícita de que ele próprio percorre não uma sequência mais ou menos aleatória de aventuras, mas sim um processo de autodescobrimento e de orientação no mundo;
- a imagem que o protagonista tem do objetivo de sua trajetória de vida é, em regra, determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento;
- além disso, o protagonista tem como experiências típicas a separação em relação à casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com a esfera da arte, experiências intelectuais eróticas [sic], experiência em um campo profissional e eventualmente também o contato com a vida pública, política. (2000, p.62).

Como se depreende da leitura, o *Bildungsroman* é essencialmente um romance de formação do indivíduo, que tem a consciência mais ou menos explícita de que suas aventuras estão associadas a um caminho de conhecimentos, o qual deve trilhar para atingir sua realização enquanto homem: “Ficava se imaginando homem feito, vivendo na vida apressada dos homens, lutando a luta de cada dia” (AMADO, 2000, p.8). Neste sentido, o negro Baldo, desde pequeno, tem essa postura de aprendiz, pois, sentia enorme prazer em estar próximo dos adultos, principalmente, de pai *Jubiabá* e de Zé Camarão com os quais aprendia sobre a vida, tanto do ponto de vista religioso quanto da vida da malandragem:

Antônio Balduino não sabia o que pensar de Jubiabá. Respeitava-o mas com um respeito diferente do que tinha pelo Padre Silvino, por sua tia Luísa, pelo Lourenço da venda, por Zé Camarão e mesmo pelas figuras lendárias de Virgulino Lampião e Eddie Polo. Jubiabá passava encolhido pelos becos do morro, os homens o ouviam com respeito; recebia cumprimento de todos, e em sua porta paravam, de vez em quando, automóveis de luxo. Um dia um menino disse a Balduino que Jubiabá virava lobisomem. Outro afirmou que ele tinha o diabo preso numa garrafa.

Da casa de Jubiabá vinham em certas noites sons estranhos de estranha música. Antônio Balduino se remexia na esteira, ficava inquieto, parecia que aquela música o chamava. Batuque, sons de danças, vozes diferentes e misteriosas. Luísa lá estava com certeza com sua saia de chita vermelha e de anágua. Antônio Balduino nestas noites não dormia. Na sua infância sadia e solta, Jubiabá era o mistério.

Eram bem gostosas as noites do Morro do Capa-Negro. Nelas o moleque Antônio Balduino aprendeu na sua infância muita coisa e principalmente muita história. Histórias que homens e mulheres contavam reunidos em frente à porta dos vizinhos nas longas conversas das noites de lua (AMADO, 2000, p.13-14).

Esse aprendizado do menino Antônio Balduino é um percurso de auto-formação, no qual escuta os adultos, espreita-os, mas também é o aprendizado das ruas e dos becos do Capa Negro, onde ele, ainda liderava os pequenos grupos nas aventuras pela favela. Desde cedo era valente e brigão, assim como seus heróis de cordel e das lendas populares.

Eduardo de Assis Duarte comenta que o *Bildungsroman* amadiano passa por transformações em relação ao modelo burguês europeu, promovendo um desaburguesamento da forma romanesca, misturando-se às formas da oralidade e narrando a trajetória de um menino pobre do morro Capa Negro até sua ascensão como grevista e líder de uma coletividade:

Nesse apego a fatos ausentes na historiografia dos vencedores e, mesmo, na literatura regionalista anterior, reside a grande força e a razão do impacto causado pelo romance de 30. Pela primeira vez, o subalterno vai ser não apenas o protagonista, mas também o indivíduo que luta contra a opressão. Surge, portanto, um novo sentido para o *Bildungsroman*, cujo desaburguesamento leva à construção do herói proletário e camponês, contribuindo assim para a edificação de uma perspectiva crítica. Esse aspecto questionador existe não só nos textos amadianos mais diretamente políticos, mas em quase todo o romance dos anos 30 (2018, p.190).

Antonio Balduino é o herói negro da gente da Bahia. Ele inicia sua aprendizagem na infância e não para mais de aprender. Tendo sua consciência crítica moldada na oralidade e na religiosidade, Baldo começa seu caminho rumo ao seu conceito de heroicização. Lidera grupos de molecagem no morro Capa Negro, depois comanda meninos na prática do esmolar e na prática de pequenos crimes para sobreviver nas ruas de Salvador, torna-se boxeador, trabalhador nas plantações de fumo e termina sua aprendizagem, mesmo que de forma romântica, nos cais da capital baiana, transformando-se em grevista. A consciência crítica estava formada e com ela vem o despertar para as diferenças sociais que envolvem ricos e pobres na luta cotidiana de classes.

Esses elementos de uma aprendizagem social na classe nos marginalizados promovem o desaburguesamento da forma do *bildungsroman* europeu, dando ao romance

regionalista da década de 1930 um papel de formador crítico das classes pobres no Brasil. No romance amadiano, por meio de um herói popular, é possível entrever a crítica ao regime exploratório do capitalismo, alimentando a esperança de que a organização coletiva dos trabalhadores sob o comando dos sindicatos seria o caminho para uma sociedade mais justa. Neste contexto, Baldo representa toda a classe trabalhadora, o seu despertar é o despertar do povo.

DOS RITOS DE APRENDIZAGEM DE ANTONIO BALDUÍNO A HERÓI DE CORDEL

Logo cedo em sua trajetória de herói popular, o negro Baldo decide o que quer da vida: ser como os heróis das histórias cantadas por Zé Camarão ou dos ABCs que ele tanto admira.

Agora todos pediam:

– Cante, Zé Camarão.

– Tá bom, vou cantar uma coisa só...

Mas cantava muitas, tiranas, cocos, sambas, cantigas saudosas, canções tristes que enchiam os olhos d'água, e ABC aventureiros que deliciavam Antônio Balduino:

Adeus Saco do Limão

lugar onde eu nasci

Eu vou preso pra Bahia

levo saudades de ti

Era o ABC do cangaceiro Lucas da Feira, um dos heróis prediletos de Antônio Balduino:

Entusiasmado eu carreguei

pompa e muita grandeza

pois no meu rancho eu tinha

bote de rapé à princesa (AMADO, 2000, p.16 – grifos do autor).

O romance de Jorge Amado promove o encontro da tradição romanesca estabelecida no cânone literário europeu e mesmo brasileiro com as histórias de cordel, com a oralidade do recôncavo baiano. As histórias de valentões, de donzelas roubadas, de homens que se destacam por sua inteligência e força misturam-se no romance amadiano, tornando-o mais próximo do povo ao cumprir sua missão pedagógica de criar uma consciência social e política na camada mais pobre da população, que trabalha para o enriquecimento alheio.

Neste ponto é necessário trazer algumas concepções sobre o cordel, a fim de compreendermos como o romance amadiano se entrelaça com a oralidade:

De acordo com os poetas, o conteúdo que estrutura o cordel baseia-se no princípio do eclétismo: liberdade para modificar, copiar e transformar. Neste sentido, o cordel constrói e desconstrói personagens, cenários e situações. Olhando mais de perto, no entanto, para a recorrência de temas, encontramos temas estruturais e valores permanentes (Carlos Magno, o heroísmo, a luta entre cristãos e pagãos, valor, honra). Pode-se dizer que, se o cordel é eclético, não produz híbridos disformes, pois o cordel reforça uma estrutura polar bastante estável, quimérica, em que as tensões entre o passado e o presente, entre o tradicional e o atual são mantidas, e nunca dissolvidas.

Deste modo, o cordel trata do passado, do presente e do futuro como o folheto que descreve o ataque de Bin Laden a Juazeiro do Norte e a defesa da cidade pelo Padre Cícero. Esta forma que desreferencia, mistura cenários, personagens, temporalidades, confere ao cordel um “estilo” próprio em que o folheto ganha uma aparente homogeneidade através de sua forma (metrificada, repetitiva, redundante). O cordel, assim, copia alterando, imita linguagens e cenários, se transfigura tematicamente, traduzindo universos exteriores ou próximos para uma forma que cria, por sua vez, o próprio universo do cordel. Em outras palavras, o cordel é mimesis, no sentido que Taussig (1993: 19) concebe este conceito: repete e, ao repetir, altera. (GONÇALVES, 2011, p. 224).

Embora o gênero que Jorge Amado utilize seja o romance, a terceira parte da narrativa é intitulada “ABC de Antônio Balduino”. Neste momento, pode-se afirmar que a história do Negro Baldo começa a ser cantada. Coincide com esta parte da narrativa o despertar do personagem para a luta de classes, toda sua força física agora é empregada em prol dos trabalhadores do cais, das padarias e das circulares. O ABC de Baldo não vem na forma convencional de cordel, mas em forma de romance, sem as rimas, sem as métricas utilizadas pelo cordel. Corresponde, porém, à criação do herói negro do cais, ex-boxeador e agora grevista consciente, herói do povo, que merece seu cordel.

O universo do cordel encanta Balduino. O personagem tem como modelos de heroísmo os homens populares que habitam os cordéis, os quais podem ser ouvidos e nem de escola se precisa para adquirir esse conhecimento. Assim, o negro Baldo sonha em ser cantado nas praças, no morro do Capa Negro e quando adulto, sonha em ter seu nome lembrado pelos homens dos portos:

Outra se benzeu amedrontada. E o homem de Ilhéus se demorou contando histórias e mais histórias de mortes e tiros da sua terra heroica. E quando ele foi embora, curado, Antônio Balduino sentiu uma tristeza de quem se separa de uma namorada. É que, nas conversas das noites de lua do Morro do Capa-Negro, o moleque Antônio Balduino ouvia e aprendia. E antes de ter dez anos ele jurou a si mesmo que um dia havia de ser cantado num ABC, e as suas aventuras seriam relatadas e ouvidas com admiração por outros homens, em outros morros (AMADO, 2000, p. 25).

Assim, começa a narrativa da vida de Antonio Balduino. Órfão de pai e mãe, é criado por uma tia, que logo enlouquece e o deixa sozinho no mundo. Nesse momento, a formação do menino Baldo passa a um outro nível, pois é levado para a casa de um Comendador, onde trabalha, e também aprende a ler e a escrever. No entanto, sua felicidade dura pouco e ele é expulso da casa do comendador, acusado injustamente de ficar olhando as coxas de Lindinalva. Baldo se torna menino de rua e comanda um grupo de moleques em pequenos furtos e na prática de esmolar. Por esse tempo, o menino Baldo inicia-se sexualmente com as mulatas nas areias da praia. O grupo se desfaz, algumas amizades permanecem, mas Baldo começa um caminho que deve trilhar sozinho; envolvido em uma briga, ele é descoberto pelo italiano Luigi e se torna boxeador por um curto período de tempo. A vida de Baldo muda porque descobre que o grande amor de sua vida, Lindinalva, está noiva, isso o leva a beber demais e perder a luta para um peruano, passando o personagem por uma fase de retirada para longe de Salvador, indo trabalhar nas plantações de fumo no Sul da Bahia. Lá envolve-se em uma briga por causa da menina

Arminda e é obrigado a fugir. Sozinho, tendo tempo para pensar, Baldo reflete sobre sua vida e resolve empreender a viagem de volta a Salvador. No percurso, entra no circo de Luigi e apresenta-se como boxeador novamente. No entanto, a aventura dura pouco, pois, a morte de um dos donos do circo, faz com que cada integrante herde uma parte (do) espólio. Baldo fica com um urso e com Rosenda Rosendá, que lhe acompanhará até Salvador. De volta à capital, o negro Baldo passa por mais um processo formativo; esta parte do romance é intitulada o “ABC de Antônio Balduíno”. Nesta fase da vida, Baldo aprende a luta coletiva da greve, começa sua aprendizagem política que vem acompanhada da tomada de consciência de classe, encerrando o romance com o ABC de Antônio Balduíno sendo cantado. A aprendizagem está completa.

Alguns críticos afirmam até mesmo que o próprio romance é um ABC, pois conta a trajetória de Antonio Balduíno como um herói popular: menino de rua, boxeador, trabalhador das plantações de fumo, artista de circo e, por último, grevista.

Esta última parte é um pouco frágil, pois, Antonio Balduíno resolve trabalhar para cuidar do filho de Lindinalva, que morrera em função da vida de prostituição que estava levando. O motivo que leva Baldo ao mundo do trabalho é romântico. A consciência trabalhista virá aos poucos, quando se envolve em uma greve no cais e aprende com Severino a importância de todos os trabalhadores se unirem e lutarem por um ideal comum. Baldo se torna uma das principais vozes em meio aos grevistas. Assim, podemos dizer que Baldo encontra a razão de sua vida e pelo que realmente lutar.

No entanto, ao adquirir consciência de classe, o negro Baldo escapa do suicídio. Não entra, assim, pelo caminho do mar como fizera o anão Viriato. O canto de volta para casa não surte mais efeito sobre o personagem, que, agora, trabalha para que o filho de Lindinalva não seja escravo como ele, e também defende os direitos dos trabalhadores. Enfim, Baldo consegue encontrar uma razão para sua vida, um motivo para querer ser cantado em um ABC.

Neste processo de iluminação racional, Baldo percebe que o branco pobre em nada difere do negro. Ambos são escravos, são explorados pelo mundo capitalista e não têm direito algum. “Negro e branco pobre, tudo é escravo, mas tem tudo na mão. É só não querer, não é mais escravo. Meu povo, vamos pra greve que a greve é como um colar. Tudo junto é mesmo bonito. Cai uma conta, as outras caem também. Gente, vamos pra greve, vamos brigar para não ter mais fome. Os outros já estão lá” (AMADO, 2000, p.287).

A consciência de Antônio Balduíno se amplifica. Luta pelo direito dos negros e dos brancos. Ele tem a revelação de que a luta é de classes, que envolve ricos e pobres, patrões e empregados. E é assim que o negro Baldo começa a fazer seus primeiros discursos no sindicato, animando a todos para que mantenham a greve:

Antônio Balduíno fala. Ele não está fazendo discurso, gente. Está é contando o que viu na sua vida de malandro. Narra a vida dos camponeses nas plantações de fumo, o trabalho dos homens sem mulheres, o trabalho das mulheres nas fábricas de charuto. Perguntem ao Gordo se pensarem que é mentira. Conta o que viu. Conta que não gostava de operário, de gente que trabalhava. Mas foi trabalhar por causa do filho. E agora via que os operários se

quisessem não seriam escravos. Se os homens das plantações de fumo soubessem, também fariam greve...

Quase é carregado. Não tomou ainda perfeito conhecimento do seu triunfo. Por que o aplaudem assim? Ele não contou nenhuma história bonita, não bateu em ninguém, não fez um ato de coragem. Contou somente o que viu. Mas os homens aplaudem e muitos o abraçam quando ele passa. Um investigador o fita procurando não esquecer aquela cara. Cada vez Antônio Balduino gosta mais da greve (AMADO, 2000, p.283).

O personagem vai adquirindo a consciência aos poucos. Não entende bem por que é carregado, nem por que o ovacionam. O romance de Jorge Amado é o que se pode chamar de romance social-marxista, por isso o aprender é tão importante. Essa aprendizagem vem da experiência de luta, de frequentar os sindicatos, é um caminho a ser percorrido, no qual possa ir ensinando muitos outros operários o valor da greve como instrumento contra o opressor.

Para Lucien Goldmann:

O romance educativo, optando por uma autolimitação que, embora constitua uma renúncia à pesquisa problemática, não é, entretanto, uma aceitação do mundo convencional, nem um abandono da escala implícita de valores – a autolimitação essa que deve se caracterizar-se pela expressão “maturidade viril” (Exemplos: *Wilhelm Meister*, de Goethe, e *Heinrich, o Novato*, de Gottfried Keller) (1976, p.10)

Podemos caracterizar o romance *Jubiabá* como um romance educativo, no qual Baldo, o herói da narrativa, atinge sua “maturidade viril” ao entrar para a luta sindical, livrando-se, em parte, das crenças religiosas para entrar na consciência política da luta de classes. Se o romance amadiano nega-se a uma pesquisa do herói problemático, o constrói na apoteose da luta coletiva dos grevistas em busca de direitos iguais.

Antonio Balduino aprende que não é só de religião que o homem negro deve viver. Ele precisa ter consciência política. Convencido dessa ideia, Baldo vai até o terreiro de pai Jubiabá buscar os homens que estão na cerimônia para também lutar na greve:

– Meu povo, vocês não sabe nada... Eu tou pensando na minha cabeça que vocês não sabe nada... Vocês precisam ver a greve, ir para a greve. Negro faz greve, não é mais escravo. Que adianta negro rezar, negro vir cantar para Oxóssi? Os ricos manda fechar a festa de Oxóssi. Uma vez os policiais fecharam a festa de Oxalá quando ele era Oxolufã, o velho. E pai Jubiabá foi com eles, foi pra cadeia. Vocês se lembram, sim. O que é que negro pode fazer? Negro não pode fazer nada, nem dançar para santo. Pois vocês não sabem de nada. Negro pode tudo, negro pode fazer o que quiser. Negro faz greve, para tudo, para guindastes, para bonde, cadê luz? Só tem as estrelas. Negro é a luz, é os bondes (AMADO, 2000, p.287).

Conforme a consciência de classe vai se tornando mais nítida para Baldo, ele aprende que pode falar de igual para igual com pai Jubiabá. Baldo não é mais o menino que vivia correndo pelas ruas do Capa Negro; é um homem e pode inclusive questionar

os ensinamentos daquele que lhe serviu, por anos, de modelo. É o ápice do percurso de aprendizagem de Antônio Balduíno. Agora ele pode ensinar:

Antônio Balduíno vai para a casa de Jubiabá. Agora olha o pai-de-santo de igual para igual. E lhe diz que descobriu o que os ABC ensinavam, que achou o caminho certo. Os ricos tinham secado o olho da piedade. Mas eles podem, na hora que quiserem, secar o olho da ruindade. E Jubiabá, o feiticeiro, se inclina diante dele como se ele fosse Oxolufã, Oxalá velho, o maior dos santos (AMADO, 2000, p.316).

O centenário pai Jubiabá faz uma reverência a Antônio Balduíno. O aprendizado está completo, o filho volta para ensinar o pai espiritual, que vê em Baldo um orixá, mostrando, assim, o porte que assume o negro após seu aprendizado. Curiosamente, o ABC volta a ser uma referência de aprendizado para Baldo. Ele afirma que encontrou o caminho certo, que descobriu o que os ABC ensinavam.

Os folhetos de cordel têm, portanto, um papel fundamental para o aprendizado de Baldo. Ele os cita durante toda a narrativa. Após a greve Antônio Balduíno compõe um samba em homenagem à greve, mas acha que: “A greve merecia um ABC. Não basta o samba que Antônio Balduíno canta[...]” (AMADO, 2000, p.318).

O conceito de luta pela liberdade muda na cabeça de Baldo. Ele desprezava os mulatos, os brancos, os negros que trabalham no cais, nos guindastes, os via como escravos e admirava os desordeiros, os homens de navalha em punho. Agora ele sabe que são escravos sim, mas que se lutarem, um dia serão livres:

Verdade tudo aquilo que o samba dizia. Aqueles homens, que Antônio Balduíno sempre desprezara como escravos incapazes de reagir, paralisaram toda a vida da cidade. Antônio Balduíno pensava que ele e os seus malandros, desordeiros que viviam de navalha em punho, é que eram livres, fortes e donos da cidade religiosa da Bahia. E esta sua certeza fizera que ele ficasse triste e quase suicida quando teve que trabalhar nas docas. Mas agora ele sabe que não é assim. Os trabalhadores são escravos mas estão lutando para se libertar[...] (AMADO, 2000, p. 318).

O romance ganha contornos finais com a promessa de que Antônio Balduíno partirá para outros portos, fará greves, levará o que aprendeu para os demais trabalhadores: “Um dia Antônio Balduíno partirá num navio e fará greve em todos os portos. Nesse dia dará adeus também. Adeus, minha gente, que eu já vou. Zumbi dos Palmares brilha no céu. Sabe que o negro Antônio Balduíno não entrará mais pelo mar para a morte. A greve o salvou (AMADO, 2000, p.320)”.

De acordo com Assis Duarte:

Em *Jubiabá* esta integração ao todo social passa por mediações inexistentes na obra goetheana, a começar pela origem burguesa de Wilhelm, bastante diversa da quase indigência que marca a condição lumpen de Balduíno. De início, o ideal de vida expresso no romance amadiano conflita inteiramente com a aludida reconciliação, ao propor a "liberdade" do marginal como alternativa à "escravidão" das ocupações proletárias. O caráter de Balduíno vai sendo delineado a partir de situações sociais bastante distintas das que produziram a ascensão burguesa na Alemanha. Ele cresce tomando ciência de uma memória familiar

marcada pela tradição da rebeldia social e de uma memória comunitária que atualiza a tradição do cativo (DUARTE, 2018, p. 184).

Baldo se torna o herói completo. Deixa a malandragem e se torna um grevista. Um homem acima dos outros, que pode ensinar e, assim, merece seu ABC e é por meio do canto que sabemos que Antônio Balduino teve um fim, que foi morto à traição:

“ABC DE ANTÔNIO BALDUÍNO”

“Este é o ABC de Antônio Balduino

Negro valente e brigão

Desordeiro sem pureza

mas bom de coração.

Conquistador de natureza

furtou mulata bonita

brigou com muito patrão

morreu de morte matada

mas ferido a traição.”

(do ABC de Antônio Balduino)

O ABC de Antônio Balduino, trazendo na capa vermelha um retrato do tempo em que o negro era jogador de boxe, é vendido no cais, nos saveiros, nas feiras, no Mercado Modelo, nos botequins, pelo preço de duzentos réis, a camponeses moços, marinheiros alvos, a jovens carregadores do cais do porto, a mulheres que amam os camponeses e os marinheiros e a negros tatuados, de largo sorriso, que trazem ou uma âncora, ou um coração e um nome gravado no peito (AMADO, 1935).

Ao completar a aprendizagem, o herói negro adquiriu uma longa experiência, não resta nada mais a Antonio Balduino, apenas encontrar a morte, virar lenda e ser cantado nos ABCs, nas feiras, nos portos e nos cais. Baldo atingiu seu objetivo de criança: tornou-se herói de folhetim, mexendo com a imaginação de marinheiros e de jovens que agora cantam seu cordel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto procuramos dar corpo à ideia de que o romance *Jubiabá*, de Jorge Amado pertence à filiação do *Bildungsroman*, sendo uma variação de sua matriz burguesa europeia. O herói proletário, trabalhador do cais passa por uma longa aprendizagem desde sua infância no morro do Capa Negro até chegar à grevista e líder de lutas coletivas.

No percurso, o herói negro, Baldo, aprende de oitiva com os cantadores populares e de cordel, passa pela prática de esmolar pelas ruas de Salvador, sendo líder de gangues, torna-se boxeador, ganha, perde, se retira da capital baiana e vai conhecer as plantações de fumo no interior do estado. Ali, envolve-se em brigas, é obrigado a fugir, vira artista de circo e volta a Salvador, onde cria o filho de Lindinalva e trabalha para que o menino não seja escravo como ele. Nesses tempos, conhece a luta dos grevistas, evita o suicídio e novamente se encontra na posição de líder. Agora lidera outros grevistas na luta pelos seus direitos. A aprendizagem está completa, assim, Baldo pode ser cantado como herói

de ABC, figurando na capa do livreto ainda como o antigo boxeador que fora por um tempo.

O romance de Jorge Amado também busca um forte entrelaçamento com a cultura popular e religiosa da Bahia. A presença dos contadores de histórias, dos cordelistas, dos compositores de ABC, dos sambistas, das giras de Candomblé, do Pai de Santo Jubiabá e seus Orixás, criam um ambiente compósito na narrativa, apresentando um grande painel de parte importante da cultura oral baiana.

Além disso, o herói da história é um negro. O narrador dá voz ao marginalizado, heroiciza-o como o defensor dos pobres, dos desvalidos e, deste modo, cria, o que foi para muitos, o primeiro herói negro da narrativa brasileira:

Jubiabá constitui-se num dos pontos altos da linhagem do "romance proletário" vigente à época, combinando o realismo da denúncia social com uma intensa idealização do oprimido. Amado recorre aos modelos ancestrais da narrativa para construir um personagem-síntese de uma geração que luta por elevar-se da marginalidade à cidadania. E então vemos surgir Antônio Balduino, *primeiro herói negro do romance brasileiro*. É este herói que inicia o livro suando, vendendo a força do corpo jovem numa luta de boxe (DUARTE, 1994, p.158).

Não é gratuito o fato de o romance começar com uma luta de boxe. A imagem do negro guerreiro e forte figurará ao longo de toda a narrativa. Baldo é um modelo de herói popular a ser seguido. Herdeiro de uma linhagem de heróis da oralidade baiana, Antônio Balduino ao final do romance, também figurará entre os valentões que tanto admira, ganhará sua capa de ABC e será cantado em muitos portos.

Enfim, o romance *Jubiabá* deve ser lido nessa confluência entre a tradição oral e a tradição romanesca do *Bildungsroman*. Aqui, esta última se acimatou às necessidades do romance da década 30, dando voz aos proletários, erigindo um herói negro que representa todos os trabalhadores da classe baixa, promovendo a emancipação deste como sujeito na narrativa brasileira. Assim, Baldo permanecerá em dois registros narrativos: o da oralidade, onde provavelmente Jorge Amado se inspirou para compor a imagem de seu herói, e da escrita, inscrevendo-se na tradição romanesca brasileira.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* proletário de Jorge Amado. In *Literatura e Sociedade*. No27, p.175-195, jan/jun de 2018. Texto disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148542/142179> último acesso em 23 de novembro de 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado e o *Bildungsroman* proletário. In *Revista de Brasileira de Literatura Comparada* vol 2. no 2, p.157-164, 1994. Disponível em <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/28/29> último acesso 24/11/2020.

GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GONÇALVES, Marco Antonio. Imagem-palavra: a produção do cordel contemporâneo. In *Sociologia & Antropologia*. Vol. 01. no 2, Rio de Janeiro, Nov. 2011. Texto disponível em <https://www.scielo.br/pdf/sant/v1n2/2238-3875-sant-01-02-0219.pdf> último acesso 23 de novembro de 2020.

MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.